



MURILLO BOLZANI FALEIROS

**PATRULHA ECOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

LAVRAS-MG

2019

MURILLO BOLZANI FALEIROS

**PATRULHA ECOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Ciências Biológicas, realizada em Escola Pública, para obtenção do título de Licenciatura.

Prof(a). Dr(a). Mariana Esteves Mansanares

Orientador(a)

Prof(a). Dr(a). Marina Battistetti Festozo

Coorientador(a)

LAVRAS-MG

2019

MURILLO BOLZANI FALEIROS

**PATRULHA ECOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

**ECOLOGICAL PATROL: ANALYSIS OF PRATICE IN ENVIRONMENTAL
EDUCATION**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Ciências Biológicas, realizada em Escola Pública, para obtenção do título de Licenciatura.

APROVADA em 29 de novembro de 2019.

M(e). João Augusto Dos Reis Neto UFSJ

M(a). Mariana Nayara Bonilha De Andrade UFLA

Prof(a). Dr(a). Mariana Esteves Mansanares

Orientador(a)

Prof(a). Dr(a). Marina Battistetti Festozo

Coorientador(a)

LAVRAS-MG

2019

AGRADECIMENTOS

Ao universo em sua complexidade, que nos rege e guia, configurando todo o movimento, encontros e desencontros que passam pela vida.

À natureza que nos completa e embeleza todos nossos dias, nos faz pensar, refletir, socializar, retrain e tentar entender o nosso real papel enquanto grãos de areia em uma gigante praia de mar revolto.

A mim mesmo, por acreditar que sou capaz e independente de todos os processos, sejam bons ou ruins, confiei na transformação individual refletindo na transformação ao meu redor. Me atentar as intuições e seguir o que realmente gosto, sem pensar em desvios criados pela sociedade e/ou coisas banais de padrões comuns.

Àquelas da minha família que acreditaram em mim e me apoiaram em minhas decisões, por mais que pudessem parecer impulsivas. Com foco em minha mãe, meu pai e minha irmã.

A todos os meus professores e professoras que ao longo da minha vida me passaram conhecimento e me fazem hoje refletir sobre o papel da Educação. Me auxiliando em minha futura atuação, tanto de forma positiva quanto negativa, sabendo o que e como fazer, e o que não fazer.

À Universidade Federal de Lavras por todo o conhecimento e apoio. Por proporcionar vivências e amizades que com certeza eu não teria fora da instituição.

A todos aqueles amigos e amigas que passaram pela minha vida e deixaram um pedaço de si em minha constante construção e transformação. As repúblicas em que morei (D-Boassa e Casa TorTa) e todas aquelas outras que frequentei e fui muito bem recebido. Ao Brejão, sempre acolhedor e engrandecedor. E a todas as festas e comemorações em que estive, me fazendo aliviar e desfocar da pressão universitária.

Meus professores e professoras da graduação que me passaram conhecimento e me auxiliaram na caminhada de diversas formas. Minha orientadora Mariana que me acompanha e ajuda há muitos anos, e Marina que topou me ajudar nesses processos tão importantes que são os estágios e a monografia.

Minha banca de amigos João e Mariana. E ao Leonardo por me acompanhar e auxiliar no processo do trabalho na escola.

Muito obrigado!

“A natureza é o corpo inorgânico do homem. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza” (Karl Marx)

RESUMO

Muito se fala sobre os desastres ambientais e mudanças climáticas nos últimos tempos, há, contudo, uma grande lacuna a ser preenchida pela compreensão e discernimento de que nossas ações na natureza geram sérias consequências ao ecossistema como um todo, incluindo a própria cidade, a alimentação, a escola e nossa casa. Desta forma, como uma estratégia pedagógica e de ação frente às necessidades de se rever o relacionamento natureza e sociedade, surge a Educação Ambiental crítica, a fim de trazer percepção e sensibilização pelas causas do planeta. Esta tarefa não é fácil pois ela perpassa diversas áreas do conhecimento e é diretamente envolvida com questões sociais, políticas e econômicas tornando-se um desafio a ser trabalhado dentro das escolas brasileiras, principalmente escolas públicas. Este trabalho tem a preocupação de, a partir do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Ciências Biológicas, repensar e realizar um Projeto com atividades teóricas e práticas, buscando tornar ações da escola mais sustentáveis e proporcionar uma formação cidadã aos estudantes participantes. Por meio deste projeto e em parceria com uma professora da escola, que iniciou a idealização do projeto, conseguimos otimizar o uso do espaço da escola, reorganizar o tempo para que os estudantes aprendessem brincando, pesquisando e vivendo, levando em conta seu impacto nas condições de vida da comunidade escolar; também foi possível informar a esta comunidade seus direitos e deveres com relação à qualidade de vida e educação ambiental, apresentando estudos e intervenções que buscaram desenvolver uma postura consciente diante dos problemas socioambientais que surgem no cotidiano. Foram utilizadas questões sobre a formação cidadã na escola, documentários e atividades práticas para realização do trabalho. Os resultados se concretizaram positivamente, havendo discussão, participação e reflexão não só por parte dos alunos, mas também de funcionários e professores; além de estimular a organização e respeito ao espaço escolar e à natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental Crítica. Pesquisa em Educação. Projeto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	Contextualização do Tema.....	7
1.2	Objetivo Geral.....	9
1.3	Objetivos Específicos.....	10
2	DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1	Referencial Teórico.....	10
2.2	Metodologia.....	13
2.3	Resultados e Discussão.....	15
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do Tema

É necessário que o professor desenvolva uma clara compreensão de sua ação, que se baseia em uma teoria, tendo ciência disso ou não. Segundo Freire (1980) a ação é ressignificada, por sua vez através da teorização reflexiva, da qual, o sujeito que atua se apropria conscientemente. É muito importante entendermos a relação de interdependência entre estes pontos citados, pois são neles que o profissional se diferencia e, de fato, exerce um papel digno de educação, de um trabalho educativo. O estabelecimento de relação entre os conteúdos e a realidade, entre teoria e prática, metodologias alternativas, jogos corporais, dinâmicas, outros elementos usados que não sejam apenas o quadro e o giz, estas são algumas formas de diferenciar, despertar e estimular o processo educativo.

Como citado, a relação entre teoria e prática deve ser alvo de esclarecimento e total entendimento. Para Sacristán (1999), a prática é institucionalizada; são as formas de educar que ocorrem em diferentes contextos institucionalizados, configurando a cultura e a tradição das instituições. Essa tradição seria o conteúdo e o método da educação. Diante disso, as interações realizadas no ambiente da escola são essenciais para o crescimento, que se atualizam os diversos saberes pedagógicos do professor, em que ocorrem os processos de reorganização e ressignificação de tais saberes. A teoria e a prática, bem como suas relações de dependência, são totalmente presentes no trabalho educativo e no cotidiano do professor, em que no ato de dar aula utilizando práticas convencionais ou não, o profissional, com sua visão crítica e avaliativa, se apoia às luzes da teoria e aperfeiçoa seu trabalho à medida em que o realiza.

Dessa forma, vemos a Educação sendo construída historicamente, com base em observações, experimentações, superações e muita luta. Até chegarmos nos dias de hoje. Esta Educação que é advinda não só de instituições tradicionais de ensino, mas sim a prática pedagógica, o ato de aprender e ensinar, a troca de conhecimentos e experiências e um acúmulo de conhecimento que perpassa diversas áreas.

O papel do professor, então, além de questionar e propor alterações em sua prática ao longo do tempo, deve também se atentar às teorias que embasam os discursos, encontrados facilmente ou não hoje em dia nos meios de comunicação, como a internet, ou no próprio cotidiano de cada um. É necessário desconstruir certos equívocos construídos socialmente, ou visões que são amplamente difundidas sem um embasamento teórico e crítico daquele assunto e seu contexto. Por isso, o ato de dar aula e de ensinar-aprender conhecimentos e vivências demanda um planejamento de aulas, que envolve exemplos, temas, abordagens e metodologias.

Os currículos nas universidades atuais se constituem em disciplinas isoladas, com poucas reflexões de seu sentido na realidade em que se originou. Esse conhecimento teórico não carrega a bagagem para uma atuação profissional concisa, principalmente ao se tratar de educação pública, não refletindo as práticas, não aproximando os conteúdos da realidade dos alunos e engessando o conhecimento, tornando-o algo totalmente mecânico. Há uma necessidade de se exercitar a prática docente e entender o contexto da realidade da educação.

O Estágio Supervisionado dos cursos de licenciatura tem o intuito de colocar o graduando e futuro professor diretamente na escola, para que ele, na rotina e afazeres escolares, possa aprender e ganhar experiências a partir de sua vivência e reflexão coletiva junto a outros estagiários, funcionários e professores. Segundo Pimenta (2005) o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Isso tem uma importância enorme para todos aqueles que querem se tornar professores, pois dentro da universidade o que é tratado é uma pequena parcela teórica do que a realidade nos mostra.

Atualmente, paralelamente com todos os fatos citados anteriormente, podemos evidenciar certas contradições na prática das instituições de ensino, como escolas. A realidade do educando varia conforme a família, o bairro, as relações sociais e a criação; e isso muitas vezes não é levado em conta na prática escolar.

Uma forma de trabalharmos o ambiente, tanto escolar quanto o ambiente mais amplo, é discutir sobre as problemáticas que ali residem e afetam a todos de forma direta ou indireta, buscando esclarecer quais são as raízes do problema e não somente seus sintomas. Isto é, debater de onde vem, pra onde vai e porque os problemas que nos rodeiam existem. Muito se fala sobre os desastres ambientais e mudanças climáticas nos últimos tempos. Há, contudo, uma grande lacuna a ser preenchida pela compreensão e discernimento de que nossas ações geram sérias consequências ao ecossistema como um todo, incluindo a própria cidade, a escola e nossa casa.

Dessa forma, em uma crescente aceitação e aplicação a Educação Ambiental vem sendo tratada como um instrumento de sensibilização e transformação de todos os envolvidos no processo pedagógico: alunos, professores, direção, supervisão e até mesmo das famílias envolvidas. Entretanto, não basta apenas ensinar pela prática, devemos também sensibilizar, de fato, as pessoas para que percebam que, muitas vezes podem ser prejudicadas com ações que degradam o meio ambiente e a sociedade. Assim, é importante relacionar as práticas aos seus contextos sociais, históricos e construí-los próximos ao cotidiano das pessoas. Trazer a importância do meio ambiente para a manutenção da sociedade, exercitar a reflexão sobre nosso

papel no planeta, refletir quanto a nossa existência enquanto espécie biológica que compõe um ecossistema que é compartilhado, e explicitar os problemas ambientais reais e os verdadeiros causadores da esmagadora maioria dos problemas: o ser humano. Como retrata Melazo (2005) o meio ambiente natural foi substituído por espaços urbanos, sendo estes palcos de relações entre a comunidade humana e seu meio físico, alterado pela própria ação antrópica. A análise do ambiente e do desenvolvimento exige a vinculação dos processos naturais com os processos históricos na dinâmica reprodutiva do capital, contemplando a dimensão cultural (MEYER, 1991).

Não podemos apenas buscar respostas se atentando aos dias de hoje, ou à conjuntura do momento. Quando tratamos de uma sociedade estruturada, tratamos de conceitos enraizados, relações sociais determinadas e construídas, formas de trabalho e diferentes visões e intenções sobre a natureza, que passam principalmente pelo processo de dominação, questão estruturante na sociedade capitalista.

Assim, este trabalho feito em uma escola pública e sustentado pelo Estágio Supervisionado de Licenciatura (Estágio 4), teve a intenção de trabalhar a formação cidadã dos alunos. Para isso, foi utilizada a Educação Ambiental crítica, a fim de refletir sobre as questões sociais e políticas que embasam e sustentam os diversos problemas que nos rodeiam, desde aqueles presentes no ambiente escolar até outros mais amplos, como o lixo e suas implicações, tanto no ambiente natural, no trabalho e suas relações e em famílias que dependem do lixo para se alimentar.

1.2. Objetivo Geral

Estimular a mudança prática de atitudes e a formação de novos hábitos com relação a utilização dos recursos naturais, bem como a reflexão sobre a nossa responsabilidade com o meio em que vivemos, sobre as bases sociais, políticas e culturais que regem as relações entre as pessoas - entre si - no ambiente e com o ambiente, o trabalho, e também refletir sobre o engajamento da comunidade escolar na construção de um ambiente saudável, por meio de atividades práticas, discussões, a partir da arte, como o uso de filmes, documentários, desenhos e outros processos feitos à mão. Isso tudo com intenção de discutir a questão ambiental junto à comunidade interna e externa da escola, introduzindo uma relação marcada pelos valores de consciência ambiental crítica, entendimento da sociedade e por novas habilidades no trato com o ambiente escolar de forma sustentável.

E para isso, utilizar a arte como principal ferramenta, e a cidadania como tema que sustenta as discussões.

1.3. Objetivos Específicos

- Sensibilizar o educando e a comunidade escolar (professores, trabalhadores e direção) para a necessidade de pensar nos problemas ambientais em suas relações com fatores ecológicos, políticos, econômicos e sociais;
- Formar um grupo de alunos chamado “Patrulha Ecológica”, com representantes de diversas turmas do ensino médio para desenvolvimento das atividades do projeto e monitoramento do espaço escolar;
- Criar placas e painéis educativos, valorizando os cuidados com o espaço verde da escola;
- Por meio da arte, estimular a consciência crítica dos educandos para a causa ambiental, auxiliando na formação cidadã dos mesmos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

Nos dias de hoje muito se fala em questões ambientais ligadas às questões políticas e sociais, infelizmente de uma forma negativa e depreciativa, retratando diversos problemas e com descaso dos representantes de governo, como podemos ver no Brasil. Isso pode ser visto como um reflexo determinante das relações de trabalho em nossa sociedade, o aumento desenfreado do consumo e das tecnologias. A lógica de produção e consumo desenfreados relacionada ao trabalho alienado acaba por colocar a humanidade em uma relação desrespeitosa com o ambiente e, principalmente, com as próprias pessoas. A modernidade nos apresenta problemas e possibilidades, necessitando de reflexões para propostas de mudanças, no que se refere à economia, moral, questões sociais e as relações do ser humano com a natureza e com ele próprio.

Na ciência encontramos caminhos e possibilidades para discutir as questões citadas acima, com estudos e dados, além das possíveis resoluções e reparos para problemas que já aconteceram. Ao se falar em meio ambiente, podemos destacar os estudos em Ecologia, que debatem as relações nos ecossistemas e o papel do ser humano no mundo. O ser humano é um ser que se relaciona consigo mesmo, com os outros e com a natureza.

Nesse movimento de relação dialética o ser humano se constrói a partir do que percebe na realidade, ao seu redor. Freire (2004) argumenta que o homem vive uma relação dialética entre sua realidade e o exercício da liberdade sobre essa. Para este autor os homens são consciência de si e, portanto, consciência do mundo.

Isso possibilita um processo pedagógico, educativo, um processo de se transformar para modificar ao redor, e diante de todas as problemáticas expostas, é uma das formas de atingirmos e sensibilizarmos as pessoas com informações corretas e estudadas. A educação praticada de uma forma transformadora e que se preocupa com a formação cidadã dos alunos e da comunidade escolar como um todo, conseguindo expor o problema, discutir e propor formas de combater coletivamente, modificando pensamentos e atitudes. E se pensarmos na Educação Ambiental (EA) crítica, nas palavras de Guimarães (2016), seus elementos/partes interdependentes inter-relacionam entre si, entre as partes e o todo, o todo nas partes em uma interação sintetizada no equilíbrio dinâmico.

Ao olharmos para trás, na década de 70 e 80 houve um crescimento muito grande dos movimentos de resistência no período da Ditadura Militar, havendo discussão e problematização de temas diversos que atravessavam o país, além das grandes organizações de pessoas, dando origem assim, ao que chamamos Educação Ambiental, resultado de diversas áreas científicas, políticas e pedagógicas.

A compreensão dos processos históricos, de diferenciação dos campos sociais e de seu desenvolvimento no interior da sociedade não só ilumina o passado, mas auxilia a compreensão e a ação presentes e a construção do futuro. Sempre quando aprofundamos a nossa consciência e discernimento sobre os processos socio históricos, ampliamos nossas possibilidades de escolha e nossa liberdade de ação frente à vasta e confusa oferta de informação que caracteriza o mundo contemporâneo. No caso da EA e do pensamento crítico, essa reflexão se valida tanto em relação à contribuição já acumulada quanto em relação aos novos desafios e debates criados e multiplicados continuamente pelo avanço da degradação ecossistêmica e das próprias relações sociais; pelo aprofundamento das desigualdades e exclusões sociais; pela enganosa difusão de discursos, como o desenvolvimento sustentável — DS — da educação para o desenvolvimento; e pela naturalização do mercado e das ideologias neoliberais como referências de regulação da crise social. (LIMA, 2009, pág. 147)

Podemos então entender que a problemática ambiental existe e não está sozinha, se formando juntamente com a econômica, social e política. Reflete diretamente as perturbações causadas pelo excesso de produção-consumo e o avanço desenfreado da tecnologia, que tem sua raiz num modelo de sociedade (e de sucesso) que valoriza muito mais o ter do que o ser, calcado no acúmulo e na propriedade privada. Este modelo de produção da vida é incompatível com um planeta de recursos finitos, causando falta de água, poluição, desmatamento, exploração de trabalho, lixo excessivo e mudanças climáticas.

Como Reflete Jacobi (2005) a multiplicação dos riscos, em especial os ambientais e tecnológicos de graves consequências, é elemento chave para entender as características, os limites e as transformações da modernidade.

A degradação ambiental, em nível mundial, tem introduzido nos debates a necessidade de uma mudança de mentalidade, de busca de novos valores e de uma nova ética regulamentadora, um contrato natural onde a natureza deixe de ser vista apenas como cenário (MEYER, 1991).

Faz-se necessária uma Educação Ambiental que seja crítica e que reflita sobre todos os fatores que permeiam e subsidiam os distúrbios recorrentes no país e no mundo. Se não discutirmos a intenção do ser humano de modificar a natureza em prol de seus interesses, as relações que estes trabalhos se colocam quando estruturadas em sociedade, os resultados disso podendo trazer desde o que conhecemos como êxodo rural até a excessiva utilização de plásticos e geração de resíduos, não chegaremos a nenhum resultado.

A discussão ambiental já foi apropriada pela mídia e pelo senso comum. Assim, quando discutida e pautada de uma forma pragmática, ativista e sem um olhar profundo das possíveis causas, essa discussão acaba apenas fortalecendo a destruição e negando a resolução efetiva do problema. Podemos exemplificar o caso quando a problemática é apontada pela não utilização de canudos de plástico, e não discutimos a necessidade de se utilizar os canudos, como e por quem eles são feitos; ou quando exercitamos a tomar banho rapidamente e não discutimos que a maior porcentagem de uso da água é pelos pivôs de irrigação dos monocultivos e pelas grandes indústrias.

Não se pode ter uma visão simplista sobre a Educação Ambiental, não podemos romantizar a resolução dos problemas e achar que “cada um fazendo sua parte” irá concretizar uma mudança significativa, mas a discussão deve ir adiante e alcançar um patamar maior do que se é propagado. Obviamente cada indivíduo tem que também exercer seu papel de cidadão. Se não for dessa forma, os objetivos de se educar – sendo um processo que demanda tempo e construção conjunta – não irá funcionar, e tampouco transformar o que tanto criticamos.

A Educação Ambiental é uma das dimensões do processo educacional, no entanto, podemos ter diferentes projetos educacionais que refletem e são reflexos de diferentes “visões sociais de mundo”, em um espectro que alcança das visões mais conservadoras as mais críticas. O caráter conservador compreende práticas que mantêm o atual modelo de sociedade; enquanto crítico, o que aponta a dominação do Ser Humano e da Natureza, revelando as relações de poder na sociedade, em um processo de politização das ações humanas voltadas para as transformações da sociedade em direção ao equilíbrio socioambiental. (GUIMARÃES, 2016, pág. 16)

A educação é um processo contínuo de aprendizagem de conhecimento e exercício da cidadania, capacitando o indivíduo para uma visão crítica da realidade e uma atuação consciente no espaço social (MEYER, 1991, pág. 41).

Outra reflexão necessária é entender a ideia de ambiente, ampliar ainda mais ao tratá-lo em um projeto pedagógico, levando em consideração que ao falarmos do “ambiental” não referimos apenas ao que é natural, o verde ou os animais em seus ambientes, como constantemente o ambiente ainda é abordado. Devemos considerar na Educação Ambiental também o ambiente urbano, social e cultural, pois é nele onde a educação está inserida. Meyer (1991) chama a atenção para o conceito de natureza, que não é natural e sim construído historicamente. É um local onde o ser humano se define, reflete e se redefine através do trabalho, das suas relações e transformações. Pelas palavras de Melazo (2005) o meio ambiente natural muitas vezes foi substituído por espaços urbanos, sendo estes palcos de relações entre a comunidade humana e seu meio físico, alterado pela própria ação antrópica.

Nessa perspectiva, entendemos que principal função da Educação Ambiental crítica é a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e no ambiente. Preparados para tomada de decisões, se preocupando com a vida e as relações que estas vidas estabelecem em diversos níveis, locais ou globais.

2.2. Metodologia

O trabalho foi realizado a partir de um Estágio Supervisionado (Estágio 4) do curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da UFLA (Universidade Federal de Lavras). Trata-se da realização de um Projeto teórico-prático de Educação Ambiental crítica em uma escola pública estadual do município de Lavras-MG, que tem sua origem proposta pela professora de Biologia da escola e Supervisora do estágio e que foi incorporado, alterado e desenvolvido pelo estudante; experiência que após relatada e analisada resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A escola se localiza próximo a rodovia em bairro periférico, tem seu espaço bem arborizado e aberto, com horta e um paisagismo bem feito.

O projeto teve início com uma proposta de ação feita à direção da escola por mim, havendo diálogo sobre as possibilidades de ação e possíveis espaços, estendendo-se em mais de uma reunião sobre o assunto. A proposta foi aceita, mas não permaneceu apenas como a escrita original do documento. Foram somados diálogos feitos com os estudantes, professores, e principalmente com os funcionários da escola, proposta do Estágio Supervisionado 3, anterior a este que realiza o Projeto, e que teve como objetivo entender e reconhecer o ambiente escolar de forma ampla, incluindo os problemas e as dificuldades que lá eram encontrados.

Após isso, foram levantadas diversas questões a serem tratadas no que tange o meio ambiente e espaço escolar, as quais fazem parte da pesquisa proposta pelo Estágio, e que podiam ter ação direta na conscientização dos estudantes, como por exemplo a sujeira deixadas pelos

estudantes, a não separação correta do lixo, ou a grama que não conseguiu se desenvolver por ser pisoteada. Algumas dessas questões com mais urgência e outras a serem tratadas a longo prazo, sendo focadas para este projeto ações e discussões sobre o ambiente escolar e o lixo. O Projeto e o trabalho do Estágio Supervisionado 4 tiveram a proposta de analisar e incentivar a formação cidadã dos alunos na relação com a disciplina de Biologia, propondo formas diferentes de regência, atividades práticas e discussões que contemplem questões políticas e sociais além dos conteúdos a serem tratados pela disciplina em si.

A pesquisa tem um caráter qualitativo, as perguntas base foram previamente discutidas e escolhidas para que contemplassem os objetivos propostos: o entendimento de como a escola forma cidadãos, quais os espaços e as demandas, e se realmente existem. Podemos refletir a proposta desta metodologia como sugere Oliveira (2008): o ambiente de educação como objeto de pesquisa, entendendo que nesse lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas.

Como dito, o trabalho foi dividido em dois grandes eixos: o lixo e o ambiente escolar, sendo decidido anteriormente e, após a decisão, foi discutido com os trabalhadores, professores e alunos da escola, a fim de atuar diretamente nos problemas mais evidentes ao que tange a Educação Ambiental. Diferentes atividades foram realizadas para que pudessem ser contempladas todas as questões que englobam estes eixos, não esquecendo das reflexões sociais e políticas que sustentam as problemáticas. Para isso, foram utilizadas algumas questões geradoras, e como método de ensino, a exibição de documentários, discussões com os alunos e atividades práticas, como a criação de placas educativas e painéis informativos.

A execução teve foco em alunos do 1ª série do Ensino Médio, em 3 turmas diferentes somando cerca de 75 alunos, mas com auxílio de alunos do 2ª série e 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, sendo alguns destes já acompanhados em função do Estágio, e todos eles representantes autodeclarados para execução do Projeto, previamente discutido pela professora Supervisora da escola. As ações ocorreram entre o período de agosto a dezembro de 2019.

Inicialmente, foi realizada uma conversa/pesquisa com o grupo de alunos representante do Projeto. O roteiro da pesquisa foi decidido coletivamente pelo grupo do Estágio Supervisionado 4, com o objetivo de compreender como as escolas, onde os estágios acontecem, têm trabalhado para promover a formação cidadã. Assim, foi questionado de que forma a escola exerce esse papel de formação da cidadania, quais os espaços utilizados para isso e as demandas, seguido de uma discussão sobre o porquê das questões e de que forma podemos atuar política e socialmente já na escola.

Ao longo do período de atividade foram se executando as outras propostas de ação referentes aos grandes eixos separados: o lixo e o ambiente escolar. Os próprios alunos protagonizaram as ações, acompanhadas e mediadas por mim. Foram realizadas 5 reuniões rápidas de manhã em horário de aula, apenas com os representantes do Projeto e com permissão do professor responsável do momento; e 2 encontros no período da tarde, sendo um total de 15 alunos, em média (alguns faltavam, outros não podiam). Os estudantes também fizeram um vaso com um carrinho de mão para plantio de suculentas e cactos utilizados como trabalho avaliativo sobre Reprodução Assexuada, conteúdo de uma das aulas de Biologia, regidas pela professora da escola.

Além das práticas, são necessárias reflexões acerca dos temas. Para isso, foram exibidos e discutidos 3 documentários de curta duração: Ilha das Flores (dirigido por Jorge Furtado), História das Coisas (dirigido por Louis Fox) e Homens Invisíveis (dirigido por Cezar Augusto, Helton Simões e Otávio Nunes), a fim de sensibilizar os alunos sobre a realidade do lixo e daqueles que trabalham com isso, das relações sociais e de trabalho, e do avanço tecnológico e do consumo, mostrando que as questões estão interligadas e mais próximas de nós do que se imagina, afetando a vida de muitas pessoas direta e indiretamente. O cinema cumpre muito bem esse papel.

Após a exibição dos documentários, cada turma do 1º ano recebeu uma proposta de pesquisa, sendo essas: as questões do lixo em Lavras e região; problemáticas e processos negativos que o lixo desencadeia na vida; e propostas já feitas anteriormente por alguém e/ou pensadas por eles mesmos para que se possa minimizar os impactos negativos.

Vale ressaltar que todas as propostas e ideias, antes de serem realizadas, foram aprovadas pela professora de Biologia, supervisora do estágio, e pela diretora da escola. Foram realizadas pelo menos 2 reuniões com a direção, para se discutir e esclarecer o que se tinha programado para fazer, e quais as aberturas e problemáticas que poderiam ser enfrentadas, além dos outros encontros anteriores para discutir sobre o Projeto inicialmente.

2.3. Resultados e Discussão

De início, nas primeiras reuniões do Projeto, muitos alunos se mostravam presentes mais por poderem estar fora da sala de aula, do que realmente por estarem envolvidos com o Projeto. Porém conforme as atividades foram avançando, eles me conhecendo melhor, as discussões tomaram forma e a perspectiva mudou bastante. Mesmo com o grupo mudando sua configuração um pouco ao longo do desenvolvimento das atividades, na entrada e saída de

participantes, construímos um grupo firme e responsável que se empenhou e atuou de forma organizada e consciente com as atividades propostas.

Fatores motivadores e que ajudaram muito foram a liberdade e confiança que a professora supervisora da escola me concedeu. Isso foi totalmente estimulante e de muita importância para a fluidez do trabalho, além do espaço e credibilidade da direção em relação às propostas de ação dentro da escola. Assim podemos evidenciar uma aproximação entre a Universidade e a Sociedade, um diálogo e construção conjunta de um Projeto, algo que é importante e necessário para a construção do conhecimento, sendo este financiado pelo povo e deve ser voltado, de toda e qualquer forma, para o povo.

Mas não só os alunos se envolveram e aprenderam no processo, os trabalhadores da escola, em seus diversos setores, também se mostraram muito abertos, participativos e envolvidos com a causa em questão. No ato de fazer as placas educativas (Figura 1), por exemplo, tintas e pincéis foram emprestados pelos responsáveis da estrutura da escola, as frases utilizadas foram discutidas com os alunos e também com os trabalhadores, que dali retiram seu sustento todos os dias, sobre os locais de instalação foi dialogado previamente com o jardineiro para que se pudesse entender quais os locais mais perturbados e que necessitavam de mais atenção (Figura 2).

Figura 1 – Placas Educativas prontas.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

Figura 2 – Instalação em local indicado.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

Placas educativas de “não pise a grama”, “cuide da sua escola”, “jogue lixo no lixo”, painéis educativos sobre questões do lixo e meio ambiente, tambores de lixo orgânico e seco, passagem em salas e conversas com professores sobre a importância do projeto e a limpeza das salas, venda de brigadeiros e “vaquinhas” pra levantar dinheiro para compra de materiais foras atividades práticas.

Dessa forma podemos ver que o trabalho conseguiu dialogar com componentes do ambiente escolar, criando uma reflexão sobre possibilidades de melhoria, como também na iniciativa de fazer um canteiro com as plantas que os próprios estudantes cuidaram para um trabalho sobre Reprodução Assexuada (Figura 3). Isto proporciona mais vida ainda para a escola. Podemos e devemos nos projetar a, no mínimo, tentar mudar alguma coisa que ultrapasse o olhar para si mesmo. Como esta atividade, que dialoga com a proposta do Projeto, sendo ela um componente do ambiente escolar, além dos alunos fazerem com as próprias mãos (Figura 4), auxiliando em sua reflexão e seu contato mais íntimo com a escola, também valorizam o espaço, deixando-o mais bonito aos seus olhos.

Figura 3 – Canteiro sendo feito.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

Figura 4 – Pintura do carrinho de mão.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

Sobre o caminho escolhido para discutir as temáticas de forma a não nos restringir apenas ao que é mais evidente e aparente, os documentários tiveram um papel fundamental nos resultados, pois estes elucidavam de uma forma bem direta e chocante as questões principais a serem tratadas: lixo e ambiente.

Foi exibido o documentário *Ilha das Flores*, lançado em 1989, dirigido por Jorge Furtado e produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre, que nos mostra uma realidade no sul do país onde pessoas vivem comendo o lixo que sobra até mesmo da alimentação dos porcos, simplesmente por não terem dinheiro ou um dono que tem o dinheiro para as alimentar. O segundo que foi exibido foi *História das Coisas*, lançado em dezembro de 2007, dirigido por Louis Fox e produzido por Erica Priggen, reflete sobre a sociedade consumista e todos os processos que ocorrem até a geração do lixo, o papel da mídia e o cotidiano de excessivo trabalho das pessoas. E por último *Homens Invisíveis*, o documentário é feito em Feira de Santana para um TCC no ano de 2011, dirigido por Cezar Augusto, Helton Simões e Otávio Nunes, baseado em uma pesquisa de mestrado magnífica executada por um psicólogo, mostrando a invisibilidade daqueles que trabalham com o lixo, na limpeza, os garis.

A realidade tratada nos documentários foi algo intencional para que os alunos refletissem profundamente, mostrando que a questão do lixo vai muito além do que podemos compreender em debates cotidianos rasos, como se costuma fazer. Após a exibição, foram feitos questionamentos e debates sobre o que os alunos haviam entendido, qual a ligação entre os documentários, porque eles foram exibidos, entre outras abordagens. Muitos se espantaram nitidamente, muitos disseram que realmente consomem de forma excessiva e que o que eles viram fez pensar que “pesou a consciência”.

Sabemos que as questões sociais, econômicas e políticas regem e geram os problemas, historicamente, com ligação direta aos sintomas do ambiente. Isto é, as relações de exploração do ser humano, quer seja com a natureza ou com o próprio ser humano, são o que podemos chamar de “causa” da geração de diversas problemáticas que vemos hoje.

Deve-se entender que o ser humano transforma a natureza para alcançar o que necessita e deseja explorando-a, e também em conciliação a isso, vemos as relações de exploração de trabalho entre os próprios seres humanos.

Esta forma desarmônica como as sociedades contemporâneas se relaciona com o meio ambiente, vem produzindo uma série de impactos socioambientais que atinge cada vez mais a capacidade que o ambiente tem de suportar estas intervenções. Este fato vem gerando problemas ambientais locais, assim como pela magnitude da capacidade produtiva e por extensão do consumo de recursos naturais e energéticos da sociedade industrial, bem como da não priorização da preservação das relações em equilíbrio do meio ambiente,

agudiza-se os problemas socioambientais em escala global. (GUIMARÃES, 2016, pág. 18)

O que foi indicado após essa aula sobre os documentários realmente auxiliou os alunos a escreverem painéis sobre a questão do lixo no Brasil e no mundo, que posteriormente estiveram em exibição para a comunidade escolar na Feira de Ciências (Figura 5 e 6), realizada pelos professores da escola, e ficou exposto na escola como forma de divulgação científica.

Figura 5 – Painel pronto.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

Figura 6 – Painéis prontos.



Fonte: Do autor deste texto (2019).

O que preocupou um pouco no trabalho foram as respostas dos alunos sobre as questões geradoras, antes do início efetivo do Projeto. Quando perguntado aos alunos como a escola forma cidadãos, em quais espaços e quais as demandas, poucos responderam mais do que “passando conhecimento” ou “formando pessoas boas”. Não citaram as propostas de aulas diferentes que fomentavam a participação (embora possa não ser recorrente, sabemos que existem), o próprio Projeto que realizamos juntos e nem outras atividades extraclasse. Nem sequer questionar sobre a não existência de um Grêmio Estudantil, da representação estudantil em conselhos, da participação ativa dos alunos nas propostas e decisões da escola. E em geral, pelas respostas dadas pelos estudantes, parece simplesmente que a escola forma “pessoas do bem”.

A participação social é braço forte do que discutimos enquanto formação cidadã, pois significa se inserir, atuar e ser capaz de tomar decisões e/ou reflexões sobre o que se passa ao seu redor. Se olharmos para nosso passado, no Brasil, a participação social efetiva e democrática é algo que se instalou recentemente a partir da Constituição de 1988, pós Ditadura Militar, com muita luta e organização.

Muito embora a ditadura militar tenha controlado e restringido a liberdade de expressão e de associação de indivíduos e de grupos políticos e sociais que criticassem o regime político autoritário, havia algum espaço de mobilização e de debate na base da sociedade brasileira. Esse espaço foi estrategicamente identificado e utilizado por milhares de organizações – formais e informais -, militantes, religiosos, intelectuais e movimentos sociais inspirados, principalmente, por referenciais teóricos e morais, como a Teologia da Libertação e o movimento pedagógico criado pelo brasileiro Paulo Freire, chamado Educação Popular. A atuação era baseada em processos educativos junto a grupos populares com a finalidade de gerar emancipação e consciência cidadã. Educar a população para a transformação social era o objetivo. (CICONELLO, 2008, pág. 2)

Ainda assim houve uma boa discussão sobre as questões apresentadas aos alunos sobre essa temática, após a entrega das mesmas. Refletindo sobre o motivo de se falar sobre isso, apontando os espaços e as demandas da escola e de fora, discutindo sobre a importância de se estar atento sobre as questões políticas e sociais que nos rodeiam e a necessidade de se organizar.

Além disso, é preciso refletir sobre a parceria entre Universidade e sociedade que muitas vezes não se dá com muita efetividade, vi isso ao longo de toda minha graduação aliada com a participação em Movimento Estudantil, Social, em contatos diretos com comunidades tradicionais e a sociedade em geral. O tripé “ensino – pesquisa – extensão” é manco, onde a extensão fica em último foco e com menos incentivo. Isso na verdade não deveria acontecer de forma alguma, pois este conhecimento que fica acumulado nas instituições deveria ser

expandido para todas as pessoas, já que são elas que financiam pagando impostos e, muitas vezes, trabalham como terceirizados nas Universidades.

A educação tem esse papel, e projetos com essa proposta tentam, de forma resistente, aprimorar a formação de professores, por meio de seus estágios, e a partir da sua inserção na realidade escolar e de outro lado, também buscam contribuir promovendo situações de parceria e aprendizado, aproximando conhecimentos científicos da população de diversas formas, sendo na escola ou em espaços não formais de ensino.

Temos que ter em mente que toda aproximação é uma via de mão dupla, e ainda que ocorra o contato entre os pesquisadores na Universidade e a Escola, por exemplo, ambos devem sair com saldo positivo, e não somente a Universidade se apoiar sobre setores da sociedade, retirar o que tem interesse e não deixar nada em troca.

Este Projeto em questão foi desafiador em sua construção e manutenção, pensando na forma de abordagem, foco do trabalho, conhecimento e reconhecimento de assuntos e temas que sejam pertinentes para se trabalhar. Pude aprender muito observando, estudando, propondo e pensando, houve sem dúvidas um salto evolutivo para minha formação enquanto professor.

Ao falarmos de Educação Ambiental (EA) de forma crítica, há uma tendência a pensarmos que se é possível colocar em uma caixa com definição exata do que é tratado. Mas acredita-se ser o contrário. Além da própria Educação Ambiental ser dinâmica, a ideia de criticidade é mais ainda, por ser pautada em situações e análises que ocorrem no momento histórico em questão, não podendo ser de forma alguma estagnada no tempo.

O objetivo da EA crítica é o de propiciar novas atitudes e comportamentos face ao consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos (Jacobi, 1997), sendo essencial a formação de pessoas que compreendam os processos estruturais da sociedade e aqueles que o amparam.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de atividades ligadas à Percepção Ambiental e Educação Ambiental devem proporcionar à comunidade uma maior sensibilização em relação ao meio ambiente com o propósito de fortalecer o exercício da cidadania e as relações interpessoais com a natureza, acelerando o desenvolvimento de novas atitudes capazes de produzirem novas ações coerentes com a sustentabilidade ambiental, cultural, econômica, social e espacial. (MELAZO, 2005, pág. 50)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado dos cursos de Licenciatura contribui muito para a formação dos futuros docentes, e pensando essa forma, o presente Projeto foi realizado com o intuito de aprofundar mais ainda na realidade escolar e propor discussões críticas sobre o meio ambiente

e as suas relações, principalmente com seres humanos. Tive expectativas e projetei erros, acertos e dificuldades, mas só no decorrer do processo é que se entende e realmente aprende muito.

As mudanças em educação ocorrem gradativamente e com muita luta. Na concepção dialética da transformação, em que o indivíduo se transforma ao transformar a sociedade, entende-se que o ato de educar é prático e reflexivo, é ação e discussão. Demanda tempo, análise e teoria, para que dessa forma possa de fato agir conscientemente, colocando o indivíduo enquanto sujeito histórico e que vive em um ambiente compartilhado com outras diversas pessoas.

Desse modo, no ato de se educar, devemos pensar em estimular a cidadania e a elucidação dos processos estruturais e culturais que regem a sociedade. Para isso devemos ter clareza de que não há uma hegemonização de conceitos como “cidadania” ou “ambiente”, sendo assim necessária a reflexão da prática enquanto professor, e entender onde se quer chegar com as propostas de ação na escola. No senso comum o entendimento de cidadão é diferente do que de um educador que se preocupa com a formação de seus alunos, para a maioria das pessoas pensar em cidadão é aquele que simplesmente exerce suas tarefas e funções, mesmo que impostas, não havendo questionamentos e raciocínio sobre o que está realmente acontecendo. Ou ainda há quem pense que o cidadão é aquele que consegue consumir, comprar e desfrutar do que é produzido pela sociedade capitalista.

Por isso, é um desafio para o educador ambiental trazer uma reflexão crítica da dimensão política, econômica e social da cidadania e do papel do indivíduo para suas aulas, sem cair em práticas que não condizem com esta realidade, ou até mesmo deturpam de forma a apagar o que acontece de fato na sustentação do modelo de sociedade que vivemos.

Num somatório geral, os resultados foram ótimos e gratificantes, a partir de observações e feedbacks dos alunos, professores e trabalhadores da escola. As placas e painéis educativas tiveram efeito positivo, os documentários abriram a visão sobre questões sociais e econômicas, e as discussões perpassaram por assuntos da política e meio ambiente.

Dessa forma, pode-se dizer que o Projeto de Educação Ambiental contribuiu para a formação de cidadãos, de seres humanos que irão minimamente pensar em suas ações e algumas possíveis consequências, levando em conta que por trás de tudo existe uma estrutura econômica e social, e é construída historicamente não sendo tão simples de se mudar. E toda essa reflexão perpassa por temáticas que não estão no conteúdo das disciplinas, mas podem ser diretamente ligadas, ampliando a visão e aproximando os alunos dos temas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília, DF, 2004. 160 p.
- CICONELLO, A. **A participação social como processo de consolidação da democracia no Brasil**. Oxfan International, 2008.
- FREITAS, L. A. A. de.; FREITAS, A. L. C. de. **Freire e Marx, os caminhos da dialética: ação e reflexão para transformação**. Rio Grande do Sul: FURG, 2013.
- GUIMARÃES, M. **Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- JACOBI, P. R. **Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.
- LIMA, G. F. da C. **Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009.
- MELAZO, G. C. **Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano**. Minas Gerais: UFU, 2005.
- MEYER, M. A. A. de. **Educação ambiental: uma proposta pedagógica**. Em Aberto, Brasília, v. 10, n.49, p. 41, jan./mar. 1991.
- OLIVEIRA, C. L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Paraná: Unioeste, 2008.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poésis -Volume 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?** Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p. 58-73, ago. 1995.
- SAVIANI, D. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Pedagogia histórico-crítico: primeiras aproximações. 3ª ed. São Paulo, p. 19-30, 1992.
- SORRENTINO, N. **Educação ambiental, participação e organização de cidadãos**. Em Aberto, Brasília, v. 10, n. 49, p. 47, jan./mar. 1991.
- TREIN, E. S. **A educação ambiental crítica: crítica de que?** Revista Contemporânea de Educação, vol. 7, n. 14, p. 304, agosto/dezembro de 2012.